

ULYSSES SERRA

António de Arruda

DADOS PESSOAIS

Ulysses Azul de Almeida Serra nasceu em Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul, em 1º de setembro de 1906, e faleceu em 30 de junho de 1972, na cidade do Rio de Janeiro, onde se encontrava em tratamento de saúde. Era filho de Arnaldo Serra, funcionário do Ministério da Fazenda, jornalista e poeta, neto do engenheiro militar Ricardo Franco de Almeida Serra, que se celebrou na defesa do Forte de Coimbra, em 16 de setembro de 1801, ao repelir as forças espanholas, comandadas por D. Lázaro Ribera y Espinoza.

Ulysses Serra passou sua infância e adolescência em Coimbra, onde fez seus estudos básicos, formando-se depois perito-contador, em São Paulo. Coursou a Faculdade do Direito de Petrópolis até o 3º ano.

Radicou-se em Campo Grande, onde fundou o Sindicato dos Contadores, sendo eleito depois deputado classista pela Assembléia Legislativa de Mato Grosso, instalada em 1934, cargo que só exerceu durante um ano e meio, pois fora nomeado para as funções de Tabelião e Escrivão do 5º Ofício da Comarca de Campo Grande, que exerceu até aposentar-se.

ATIVIDADE POLÍTICA

Desde moço, Ulysses exerceu atividade política. Já em 1934, em Campo Grande, participara de um grupo de rapazes que, inconformados com a derrota da Revolução de 1932, fundaram o Partido da Mocidade. Rememorando essa fase, em trabalho posterior, lembrou ele que esse Partido foi o primeiro a aparecer após a Revolução de 1930 e teve como primeiro presidente o jornalista Archimedes Pereira Lima. Contou ele também que esse partido cresceu e se tornou aguerrido, mas, em uma de suas reuniões noturnas, foi dissolvido por um certo major Libório, que, de revólver em punho, chefiava um magote de indivíduos truculentos.

Mais tarde, Ulysses pertenceu ao Partido Evolucionista, ao lado dos irmãos Müller - Filinto, Júlio e Fenelon - João Ponce de Arruda, João Celestino, Isac Póvoas e outros líderes. Como foi dito antes, atuou ainda como deputado estadual classista; representando a categoria dos contadores.

Extintas as atividades partidárias pelo golpe de estado de 1937, Ulysses permaneceu solidário com esses líderes, com os quais participara, nas campanhas

anteriores. Com a redemocratização do País, em 1945, e, fundados novos partidos - Partido Social Democrático, União Democrática Nacional e Partido Trabalhista Brasileiro - Ulysses continuou fiel a esses mesmos homens públicos, ingressando, com eles, no Partido Social Democrático.

ATIVIDADE LITERÁRIA

Como a maioria dos intelectuais, Ulysses iniciou na imprensa sua atividade literária. Autodidata, encontrou no jornalismo o caminho para aperfeiçoar-se no manejo do idioma e aprimorar seu estilo. Ainda jovem, fundou, em Campo Grande, um jornal - *A Ironia* - de vida efêmera, como acontece com iniciativas juvenis. Colaborou também em diversos jornais e revistas, em Campo Grande e em outras cidades do Estado.

Essa intensa e fecunda atividade jornalística lhe abriu as portas da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº28. Sua posse constituiu um acontecimento social e cultural, enquanto seu discurso se destacou como primorosa peça literária.

Em 1971, Ulysses fez uma seleção de seus artigos e crônicas, reunindo-os em um livro que intitulou de *Camalotes e Guaviras*. Esse título lembra aquelas "ilhas flutuantes", que saem dos pantanais e vagam através do rio Paraguai - os camalotes - e se ligam a Corumbá, terra do nascimento e da infância do autor, enquanto às guaviras dos chapadões campo-grandenses evocam a cidade em que morou desde a adolescência.

O livro registra coisas e fatos das duas cidades, especialmente de Campo Grande onde Ulysses viveu mais tempo. Trata-se, na realidade, de um estudo sociológico de Campo Grande, desde sua formação com a chegada dos pioneiros que por lá se aventuraram e deram início à criação da cidade, seu desenvolvimento posterior até transformar-se na bela e opulenta metrópole de hoje. Nos diversos capítulos do livro Ulysses vai descrevendo os costumes da cidade, suas figuras representativas, seus cinemas, clubes, restaurantes, bares, cassinos, tipos de rua - e também a violência dos primeiros tempos. Neste ponto, Campo Grande pagou o tributo que acompanha o povoamento rápido. É que, além da gente laboriosa que concorre com seu esforço para o progresso da nova cidade, chegam também bandidos que trazem a insegurança e o temor à população. Ulysses relembra em seu livro alguns episódios que documentam essa fase inicial de Campo Grande. Às vezes, a insegurança provinha dos próprios agentes da autoridade, em geral despreparados e por isso atrabiliários. Um deles, tenente Constantino, após desfeitear e prender o juiz de direito da comarca, Dr. Arlindo de Andrade, por ter concedido *habeas corpus* a um preso, decretou o "estado de sítio" na então vila de Campo Grande. Tal "decreto", comenta Ulysses, que hoje seria

apenas pitoresco, teve então efeito dramático pelo impacto que produziu, quando não se podia prever a violência que dele seria possível decorrer.

No decurso dessas lembranças, desponta aqui e ali uma ponta de ternura, de humor e de simpatia - jamais de amargura. Nas descrições, Ulysses esmera-se nos detalhes, modelando com perfeição a imagem a evocar. Eis, por exemplo, como retrata o estafeta Renovato: "Conheci-o já velho. Preto, bem preto, epiderme dura, áspera, encoscorada; lábios queimados pelo fumo; olhos com estrias sangüíneas e pálpebras inferiores desmesuradamente arriadas e ainda mais vermelhas, castigadas pelo tracoma. De altura média, ligeiramente curvo, braços distanciados do tronco, sem elasticidade, dava a impressão que fosse cair. Sua voz era arrastada e grossa. Vestia-se sempre de terno cáqui, camisa branca toda abotoada, usava borzeguins vermelhos tipo napolitano e chapéu amarelo de abas largas e duras. Trazia nas mãos mais do que nos bolsos um lenço de algodão, branco, encardido, amarganhado, torcido como corda, que de instante a instante esfregava nos olhos enfermos. Sempre um sorriso de humildade e sempre consciente dos seus deveres."

Em outras vezes, era a natureza e a paisagem que mereciam de Ulysses pinceladas magistrais. Vejam este quadro: "Numa quieta madrugada, meu pai descia a ladeira da Alfândega, calcária e nua, para pescar no **Bracinho**, acompanhado do seu amigo e escudeiro, o velho Cruz. Era uma dessas madrugadas mornas e enluaradas de Corumbá. Dos pantanais e das matas vinha um aroma sutil, suave, indefinível. Uma mistura de fragância de raízes, folhas e frutos, de camalotes e vitórias-régias, de águas-pombeiras e tarumeiros, de tunas e flamboyants. O luar escorria suave e álgido, no rio e nos campos fronteiros e em tudo havia um espesso silêncio, como se tudo perpassasse suavidade de coisas misteriosas e imateriais."

Um dos destaques do livro é o capítulo em que Ulysses traça o perfil de Argemiro Fialho, advogado e deputado federal, tragicamente morto nas águas do Aquidauna.

O HOMEM CORDIAL

As notas acima traçam um resumo das principais atividades de Ulysses Serra. Mas Ulysses foi, antes de tudo, um homem civilizado, ou o que se pode chamar de homem cordial, que é uma das características atribuídas ao caráter brasileiro. Recebia, com urbanidade, as pessoas que procuravam seus serviços no cartório e, com fidalguia, seus amigos.

Ulysses tinha o sentido da verdadeira amizade. Dotado de imensa capacidade de servir e de confiar, não se sabe se teria sofrido algumas decepções ou se guardara mágoa de alguém. A imagem que deixou a seus amigos foi de jovialidade, de entusiasmo e de otimismo. Faleceu em plena maturidade, sem conhecer a velhice, que segundo ele mesmo definiu, é o trágico aperitivo da morte.